

Identificando elementos de transformação da realidade: movimento dialético e desenvolvimento

Identifying elements of reality transformation: dialectical movement and development

*Taline de Lima e Costa*¹
*Deivis Perez Bispo dos Santos*²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o conceito de *movimento* e alguns de seus impactos para a psicologia histórico-cultural por meio do levantamento de pesquisas acadêmicas brasileiras que adotam o termo com centralidade. As pesquisas elencadas se vinculam de alguma forma à dialética e não apresentam definição do termo. Em levantamento bibliográfico foi possível compreender que o cerne da dialética que confere movimento à realidade é a contradição. Na psicologia histórico-cultural de Vigotski, o desenvolvimento é um processo de formação do ser humano caracterizado pelo surgimento de novas qualidades humanas específicas em cada etapa, o que caracteriza o movimento humano, que é externamente determinado e também é automovimento. Configurou-se uma definição possível de movimento relacionada ao processo materialista dialético de transitoriedade qualitativa permeado por contradição, o que pode ser notado no processo de desenvolvimento conforme compreendido por Vigotski, torna-se mais viável analisar se há sua ocorrência nos diferentes contextos e a identificação de processos que constituam, de fato, potenciais revoluções, a exemplo do desenvolvimento em nível de ontogênese e em contraponto com situações de estagnação ou mesmo de pretensas e aparentes mudanças.

ABSTRACT

This article aims to present the concept of movement and some of its impacts on historical-cultural psychology through a literature review of Brazilian academic research that adopts the term centrally. The studies listed are linked in some way to dialectics and do not provide a definition of the term. Through the bibliographic review, it was possible to understand that the core of the dialectic that gives movement to reality is contradiction. In Vygotsky's historical-cultural psychology, development is a process of human formation characterized by the emergence of new specific human qualities at each stage, which defines human movement, both externally determined and also self-directed. A possible definition of movement was established in relation to the dialectical materialist process of qualitative transience permeated by contradiction. This can be observed in the development process as understood by Vygotsky. It then becomes more feasible to analyze whether it occurs in different contexts and to identify processes that may, in fact, represent potential revolutions, such as development at the ontogenetic level and in contrast to situations of stagnation or even apparent and alleged changes.

¹ Doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Brasil. Psicóloga do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8873-2980>. E-mail: taline.lico@gmail.com.

² Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - Brasil. Professor doutor na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1316-0284>. E-mail: deivis.perez@unesp.br.

Palavras-chave: Movimento. Dialética. Desenvolvimento.

Keywords: Movement. Dialectics. Development.

1 Introdução

Com vistas a contribuir para um debate que abarque transitoriedade e transformação de sujeitos e sociedade, o presente artigo expõe um recorte que tem por objetivo apresentar o conceito de *movimento* e alguns de seus impactos para a psicologia histórico-cultural³ por meio do levantamento do estado da arte de pesquisas acadêmicas brasileiras que adotam o termo com centralidade. Essa abordagem da psicologia foi desenvolvida, no Brasil, a partir da década de 1970, após o que Cordeiro e Spink (2018) denominam como “crise de referência” na psicologia, que teria se manifestado em críticas aos modelos norte-americanos endossadas por diversas abordagens da psicologia social, assim como da sociologia, e no contexto de diversos países. Crescia o descontentamento com as propostas de psicologia social disponíveis à época e o anseio por uma leitura de psicologia que possibilitasse uma abordagem transformadora (Lane, 1988; Lane & Codo, 1984; Yamamoto, 2007; Smolka, 2021).

No ano de 1979 ocorreu a tradução de “Curso de Psicologia Geral” de Luria do russo para o brasileiro e, de autoria de Leontiev, as traduções de “Desenvolvimento do Psiquismo” para o português de Portugal e “Atividade, consciência e personalidade” para o espanhol argentino datam de 1978 (Smolka, 2021). Opondo-se às perspectivas dominantes que preconizavam intervenções em prol do bem-estar individual que possibilita a aptidão no âmbito da psicologia social, Silvia Lane, formada em filosofia e primeira diretora do curso de psicologia da PUC-SP, pode ser considerada como uma das precursoras, no Brasil, na leitura e adoção de pesquisas com base no marxismo com vistas à construção de uma psicologia social de base crítica (Bock *et al*, 2007).

³ A designação dessa psicologia soviética de cunho marxista como psicologia histórico-cultural será adotada neste artigo, considerando as diversas nomenclaturas em uso no Brasil, já que não se tem o objetivo de problematizá-las ou endossá-las.

As primeiras produções textuais publicadas de autoria da pesquisadora mencionada que explicitam essa postura são o livreto “O que é psicologia social?” (Lane, 2006), da Coleção Primeiros Passos, lançado em 1981; e “Psicologia Social: o homem em movimento” (1984), uma coletânea de quatorze textos que foi organizada em conjunto com Wanderley Codo. O primeiro texto é de autoria da Silvia Lane, uma introdução intitulada “A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia”, e circunstância historicamente a psicologia social, recurso por meio do qual desenvolve a apresentação da psicologia social hegemônica e a contrapõe às perspectivas do materialismo histórico-dialético.

Nota-se que o termo *movimento* foi utilizado já nas primeiras publicações brasileiras de estudos vinculados à psicologia soviética e marxismo e é comumente empregado para designar alguma transitoriedade - ou sua possibilidade - de sujeitos, grupos ou mesmo setores da sociedade, significado que guardaria relevância especial, considerando-se o enredo teórico e epistêmico que têm como norteadores o caráter ativo e a busca pela emancipação do ser humano.

2 Movimento em produções acadêmicas de Psicologia

Foram investigadas características das pesquisas científicas em psicologia que abordaram o conceito em acesso ao catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - que foi criado em 2002 e disponibiliza um total de mais de um milhão e meio de trabalhos⁴ defendidos a partir do ano de 1987 - tendo sido pesquisado especificamente o descritor *movimento*. A pesquisa apontou 1194 resultados⁵, sendo 322 teses e 872 dissertações com defesas ocorridas no interstício entre 1987

⁴ Em 05 de junho de 2024 o sítio apresentava um milhão, quinhentos e oitenta e quatro mil e quatorze teses e dissertações (1.584.014).

⁵ Foram selecionados os seguintes filtros em “Áreas do conhecimento” (entre parênteses a quantidade de trabalhos referentes a cada uma): Psicolinguística (1); Psicolinguística (2); Psicologia (129); Psicologia (962); Psicologia Cognitiva (1); Psicologia Do Desenvolvimento Humano (2); Psicologia Do Ensino E Da Aprendizagem (1); Psicologia Do Ensino E Da Aprendizagem (10); Psicologia Do Trabalho E Organizacional (1); Psicologia Experimental (2); Psicologia Experimental (7); Psicologia Social (21); Psicologia Social (5).

e 2021⁶. Alguns não contavam com disponibilização de resumo, por serem anteriores à Plataforma Sucupira, casos nos quais os resumos foram pesquisados no site da instituição de ensino à qual a pesquisa se vinculou e, em último caso, artigos em revistas ou anais de congresso com o mesmo título e autor(es).

Com base na Revisão Integrativa de Literatura, procedimento que permite, por meio de pesquisas anteriores, tirar conclusões gerais do conjunto de literatura sobre um tópico específico (Beyea & Nicoll, 1998), selecionamos as teses e dissertações que contemplavam o descritor em seus resumos e/ou títulos, considerando os objetivos apresentados, tendo sido descartados os trabalhos que adotaram o termo no âmbito do movimento físico/fisiológico, organização social, deslocamento (p. ex. filme = imagens em movimento), ou seja, houve o refinamento com a opção pelas fontes que estivessem desenvolvendo diretamente o conceito de movimento no sentido de transição, mudança ou transformação. Não se considera que as pesquisas descartadas não pudessem contribuir de alguma maneira para a compreensão do objeto, entretanto houve a opção, de acordo com os objetivos deste trabalho, pela centralidade da tratativa do conceito.

A principal finalidade do levantamento com essa configuração foi identificar o uso acadêmico do termo específico *movimento* de forma destacada, ou seja, ocasiões em que havia peso, centralidade ou importância acadêmica a ponto de o termo constar no título ou no resumo da pesquisa. A partir desses dados, monitorar informações quanto à adoção do significante no âmbito da psicologia. Com o refinamento da pesquisa nessas condições, levantou-se 11 produções acadêmicas em psicologia, a seguir arroladas:

⁶ Note-se que não delimitamos período para a pesquisa, sendo o interstício informado correspondente às pesquisas encontradas.

Quadro 1 – Produções acadêmicas sobre movimento na psicologia.

ID	Ano	Univ	M/D	Orient	Autor	Título/ Site	Teoria/ Excerto Acepção
1	1998	PUC-SP	M	Silvia Tatiana Maurer Lane	José Carlos Duarte	Movimento da consciência de um trabalhador com L.E.R.: um estudo de caso (https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17285)	histórico-cultural/ “o processo de mudança de vida ao qual foi submetido com o surgimento da doença”.
2	2002	PUC-SP	D	Gilberto Safrá	Haydée Christinne Kahtuni	Uma analista em movimento: momentos transformadores e formativos (https://buscaintegrada.pucsp.br/vufind/Record/150610/Description#tabnav)	psicanálise/ “momentos transformadores e constitutivos da identidade e do posicionamento da autora como analista”
3	2003	UFSC	M	Andréa Vieira Zanella	Daiani Barboza	O movimento de potência e/ou impotência de ação dos catadores de material reciclável de Criciúma/SC no que se refere à construção da sua cidadania (https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2430/53-artigos-barbosad_etal.pdf)	histórico-cultural/ “... as escolhas [de gestão] a serem feitas implicariam em significativas mudanças em seus sonhos de potencialização do empreendimento cooperativo ou na continuidade dos rumos já delineados, mas também puro devir”
4	2003	USP	D	Maria Clotilde Therezi nha Rossetti Ferreir a	Ana Paula Soares da Silva	Continuidade e descontinuidade de si na narrativa de homens que tiveram envolvimento com o crime (https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09062009-154727/es.php)	teoria do Self/ “...defende-se que continuidades e descontinuidades acontecem num movimento de figura e fundo de posicionamentos mediados por relações sociais e culturais...”
5	2005	Univ. São Marcos (SP)	M	Antonio da Costa Ciampa	Katia Monteiro de Benedetto Pacheco	O processo de metamorfose da identidade do paciente amputado (https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102746)	histórico-cultural/ “processo de metamorfose da identidade da pessoa com amputação”

6	2008	PUC-SP	D	Silvia Tatiana Maurer Lane	Adjuto de Eudes Fabri	Categorias que constituem a compreensão do humano e os enlaces entre consciência, subjetividade e significação na abordagem vigotskiana (https://ariel.pucsp.br/handle/handle/17250)	histórico-cultural/ “...conceber palavra e consciência não como estruturas isoladas ou abstratas, mas como movimento histórico, concreto e constitutivo.”
7	2010	UFSC	D	Mara Coelho de Souza Lago	Mário Ferreira Resende	Itinerários de si: entre a permanência e a mudança (https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94324)	deleuziana/ “...o gesto que nos lança ao movimento de mudança articula-se potente quando o que resta coincide com o que é suficiente para continuar.”
8	2010	USP Ribeirão Preto	M	Lucília Maria Sousa Romão	Ludmila Ferrarezi	A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico (https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12112013-163230/pt-br.php)	psicanálise/ “...a maneira como é estruturado e (re)construído, a partir do movimento de sujeitos e sentidos que se constituem ao mesmo tempo.”
9	2011	UFU	M	Maria Lucia Castilh o Romera	Aline Miranda Schwartz de Araújo	Oficinas Itinerantes: Uma Idéia, Um Obstáculo, Um Movimento Constituinte De Subjetividades (http://www.pgpsi.ip.ufu.br/node/125)	psicanálise/ “Milton Santos, que diz: ‘Tudo está sujeito a lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se’”
10	2011	USP Ribeirão Preto	M	Lucília Maria Sousa Romão	Daniela Giorgenon	Sentidos de inclusão e exclusão na voz de sujeitos escolares: o deslocamento do déficit pela via da falta (https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-21102013-164115/pt-br.php)	psicanálise/ “...agrupados em quatro entradas discursivas que abordam a formação discursiva da “falta” tomada na vertente da “falha”, ora como provocadora de estagnação ora como provocadora de movimentos para seu tamponamento.”

11	2017	USP	M	Gustavo Martine li Massola	Alan Rizerio da Silva Oliveira	Estudantes em movimento: Caminho e perspectivas de dois militantes estudantis do IP da USP em busca de transformação individual e social (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5045299)	histórico-cultural; entre outras/ “...as transformações de identidade dos entrevistados ao longo do caminho e as transformações conquistadas no espaço coletivo.”
----	------	-----	---	----------------------------	--------------------------------	--	---

Fonte: Elaboração própria.

Conforme procedimentos descritos, esses trabalhos acadêmicos foram selecionados por abordarem o conceito de movimento indicando mudanças ou transitoriedades qualitativas (e não de deslocamento) com centralidade temática. É possível observar que trabalhadores (ID 1), analistas (ID 2), catadores (3), homens com envolvimento com crime (4), amputados (5), loucos (9), integrantes de uma comunidade virtual (7), militantes estudantis (11), sujeitos escolares em diversas especificidades (8, 10), a subjetividade humana (6), enfim, é permeados por suas realidades desveladas no confronto entre suas concepções ou definições de pesquisa e suas classes sociais, necessidades, momento histórico, história pessoal.

De todos os trabalhos elencados, a mais recente data do ano 2017 e o mais antigo de 1998 (Quadro 01), somando-se quase vinte anos de produções disponíveis na base de dados que abordam movimento no sentido perscrutado. No que diz respeito a outras características das pesquisas arroladas no Quadro 1 é possível observar, quanto ao ano de publicação/defesa das teses e dissertações, que existe maior concentração após o ano 2000. Em relação à universidade, existiu predominância na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (3 pesquisas), seguida pela Universidade de São Paulo - USP, unidade de São Paulo e de Ribeirão Preto e pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2 pesquisas cada). A dissertação de ID 5 foi orientada por Ciampa, também vinculado à PUC-SP.

Das três produções que, à primeira análise, tiveram sua realização fora circuito de São Paulo, tem-se a ID 3, vinculada à UFSC, mas em que a orientadora da pesquisa, Andréa Vieira Zanella, teve sua formação na PUC-SP; a ID 7, também da UFSC, em que a orientadora Mara Lago fez doutoramento na Unicamp; já a ID 9 é da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, mas a orientadora Maria Lucia Romera realizou doutoramento na USP e pós-doutoramento na PUC-SP. Nesse sentido, sabe-se que a expansão universitária brasileira é evento que se circunstancia mais efetivamente a partir do ano de 2007, com o advento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e, mesmo assim, quase a metade (49%) das instituições de ensino superior do país estão concentradas na região sudeste (Costa, 2015), favorecendo a formação de doutorandos em psicologia nesse estado. Observemos o Quadro 2 que compila algumas informações acadêmicas a respeito dos orientadores das pesquisas relacionadas (elencadas no Quadro 1) e levantadas de seus currículos Lattes.

Quadro 2 – Informações sobre os orientadores.

ID	Orient	Orientador do orient.	Univ	Área	Tema/Teoria	Vínculo empreg o	Obs.
1	Silvia Tatiana Maurer Lane	Aniela Ginsberg	PUC-SP	Psicologia	Linguagem; Grupos Socio-Culturais	PUC-SP	
2	Gilberto Safra	Ryad Simon	USP-SP	Psi clínica	Psicanálise	USP-SP e PUC-SP	
3	Andréa Vieira Zanella	Claudia Davis	PUC-SP	Psi Social	Atividade na perspectiva histórico-cultural	UFSC	
4	Maria Clotilde Therezinha Rossetti Ferreira	Brian Foss and James Douglas	University of London	Psi Desenvolv.	Relação mãe-criança	USP-RP	
5	Antonio da Costa Ciampa	Silvia Tatiana Maurer Lane	PUC-SP	Psi Social	Identidade; Metamorfose	PUC-SP	
6	Silvia Tatiana Maurer Lane	Aniela Ginsberg	PUC-SP	Psicologia	Linguagem; Grupos Socio-Culturais	PUC-SP	
7	Mara Coelho de Souza Lago	Angel Pino Sirgado	Unicamp	Educação	Identidade Deleuze	UFSC	
8	Lucília Maria Sousa Romão	Leda Verdiani Tfouni	USP-RP	Linguística, Letras e Artes	Análise do discurso; Psicanálise	USP-RP	
9	Maria Lucia Castilho Romera	Antônio Paschoal Agatti	USP-SP	Psi. Escolar e do Desenv.	Psicanálise	UFU	Pós-doc PUC-SP
10	Lucília Maria Sousa Romão	Leda Verdiani Tfouni	USP-RP	Linguística, Letras e Artes	Análise do discurso; Psicanálise	USP-RP	
11	Gustavo Martineli Massola	Eda Terezinha de O. Tassara	USP-SP	Psi Social	Controle social; Psicologia Social; Políticas públicas; Instituições	USP-SP	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os dois trabalhos vinculados à USP de Ribeirão Preto (IDs 8 e 10) tiveram a mesma orientadora, Lucília Romão, que é coordenadora do Grupo de Pesquisa

"Discurso e memória: movimentos do sujeito", adepta de vertente teórica psicanalítica e que trabalha com análise do discurso; e duas das quatro pesquisas vinculadas à PUC-SP foram orientadas por Silvia Lane, conforme mencionado, uma das precursoras no estudo da psicologia histórico-cultural no Brasil. A esse respeito, inclusive, a teoria que embasou o maior número das produções acadêmicas que trataram de movimento no sentido circunscrito na presente pesquisa foi a histórico-cultural, que esteve presente em 5 dos 11 trabalhos, seguida pela psicanálise (4), teoria do Self (1) e de base deleuziana (1).

Inicialmente, havia-se aventado a possibilidade de o uso do termo ocorrer indiscriminadamente, sem coadunações teóricas, o que não se confirmou, já que em geral as pesquisas elencadas se vinculam de alguma forma à dialética, seja no materialismo histórico ou na crítica à dialética hegeliana realizada e incorporada por Deleuze, filósofo que, de acordo com Bueno (2017), desenvolve em sua obra uma "ontologia anti dialética do devir". Entretanto, pela compreensão dos resumos confirmou-se a hipótese de o termo não ser definido nas pesquisas elencadas, apenas adotado como sinônimo de mudança e/ou transformação.

A correlação do termo movimento no seu sentido dialético pode ser especialmente observada nos trabalhos de IDs 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11. Desses, conforme já apontado, três foram desenvolvidos por pós-graduandos da PUC-SP, universidade que também vinculava docentes que atuaram como estudiosos da psicologia soviética - ou ao menos do que lhe era de possível acesso no Brasil das décadas de 1970-80 - que podem ser apontados como alguns dos precursores da psicologia histórico-cultural no país e que organizaram e publicaram o livro "Psicologia Social - O homem em movimento", do qual Silvia Lane é autora de textos que o compõe e uma das organizadoras. Dos professores orientadores da PUC-SP, Silvia Lane foi ainda orientadora de Antonio Ciampa. Já Gilberto Safra é vinculado à psicologia clínica e psicanálise.

Dessa feita, é possível observar que São Paulo parece ser o reduto do movimento⁷ na psicologia, notadamente a PUC da capital paulista, que permeada

⁷ Importante reafirmar que o contexto histórico que concentra quase metade das instituições de ensino superior na região sudeste do Brasil (Costa, 2015) e que caracteriza São Paulo como sendo

pela psicologia de base marxista, a qual contemporaneamente pode ser denominada de histórico-cultural, provocou a todos com a ideia, aparentemente inovadora para alguns até os dias atuais, da possibilidade de alteração de tudo que existe conforme existe, ou seja, a potência de movimento de acordo com as possibilidades concretas e materiais, ou ainda, do movimento de ser humano, sociedade, cultura em relação dialética com seus processos e produtos.

O levantamento dessas pesquisas permitiu elencar elementos que possibilitam subsidiar a existência de uma correlação entre o termo movimento e a dialética e, ainda, alguma vinculação com a psicologia histórico-cultural brasileira, legatária da psicologia soviética, bem como a inexistência de definição do conceito, tão somente seu uso como sinônimo de mudanças e transformações.

Quando se focaliza o conceito de movimento para analisar pelo viés da psicologia histórico-cultural, é necessário levar em consideração as bases ou aparatos teórico-metodológicos que permeiam o termo e que possibilitaram sua existência nos moldes em que se apresenta a essa vertente da psicologia. Em outros termos, para ser possível compreender esse conceito, é necessário resgatar alguns pensamentos e pensadores que contribuíram para as concepções adotadas.

A psicologia histórico-cultural tem suas bases na dialética materialista pensada pela filosofia marxiana mais de dois mil anos após o desenvolvimento inicial do pensamento dialético, atribuído aos pré-socráticos. Essa dialética específica viabiliza a compreensão do ser humano que é produto e produtor de si e de seu meio. Mas, muito antes, esse conceito em sua concepção mais genérica, equivalente à “arte do diálogo”, foi difundido (Schopenhauer, 2003; Konder, 2008).

3 Um conceito relacionado à dialética

A dialética representa uma ampla diversidade de conceitos, conforme os pensadores, as abordagens e os enfoques históricos e epistêmicos. De forma genérica, com base na origem etimológica da palavra, que é grega (*dialektike*), significaria a arte da discussão ou do diálogo (Russ, 1994; Zen & Sgarbi, 2018).

um importante polo universitário brasileiro e para a psicologia, tendo abrigado a primeira universidade do país e as primeiras disciplinas obrigatórias em psicologia, guardando certa tradição no ensino e pesquisa na área (Lisboa & Barbosa, 2009).

Kant foi um dos primeiros filósofos modernos a resgatar a dialética com um enfoque mais determinado, outorgando-lhe o papel de estabelecer o “equilíbrio” da razão, já que para esse autor, a razão tende a ir além do fenomênico, única instância cognoscível, e a sua proposta de *dialética transcendental* atua nos “conflitos da razão” conferindo-lhes, se não cognoscibilidade, ao menos pensabilidade. A dialética transcendental é, para esse pensador, um segundo momento da lógica transcendental, o primeiro seria o *entendimento*, caracterizado pela aproximação categorizadora e delimitadora ao objeto.

Já na visão hegeliana, a dialética consiste em um fenômeno da existência, de como a natureza se manifesta, se movimenta, por assim dizer. O pensador a descreve como um momento formal da lógica, o segundo momento ou momento da negação-razional, que ocorre após o contato inicial com o objeto, contato esse que possibilita o entendimento, ou seja, a apreensão inicial e categorização, delimitação desse objeto. É possível observar que, assim como postulado por Kant, para Hegel o conhecimento também é permeado pela identificação do objeto por meio de sua delimitação, entretanto, para este pensador, esse processo é permeado pela dialética, enquanto para aquele a dialética atuava como uma espécie de “mediadora” da cognoscibilidade da razão.

Para Hegel, no momento dialético, o objeto é negado em seu contraditório. Note-se que a contradição não implica em contrariedade ou simples oposição, que constituem elementos excludentes. É esse momento que possibilita movimento ao objeto, pois ao lidar com a negação, ou o que não é, o objeto é confrontado com suas possibilidades de transformação, com seu vir-a-ser.

Mas o pensamento não se encerra em seu negativo, então tem-se um retorno ao positivo, uma afirmação. Trata-se do momento especulativo e este termo assume a conotação de espelhamento (e não de especular, investigar, conjecturar), pois o objeto reflete sobre si mesmo, como num espelhamento, e assume uma afirmação com base num retornado-a-si. Ao se constituir em afirmação definida, delimitada, se configura novamente como entendimento. Retoma-se o primeiro momento formal, processual da lógica, mas esse retorno não se dá em termos de conteúdo. Observa-se que antes de serem teorizados, os

processos dialéticos já existiam, tendo sido identificados e definidos enquanto lógica do conhecimento no século XIX, por Hegel (1995), para quem a lógica dialética incorporou a contradição como categoria do pensamento (Saviani, 2015).

4 A dialética materialista

A leitura da lógica hegeliana constituiu interesse de Marx quando estudava os fundamentos de seu projeto de crítica da economia política, o que pôde ser especialmente expresso nos *Grundrisse* (datado do final da década de 1850), em análises categoriais, e no Posfácio da segunda edição de *O Capital* (1872), que é a obra em que mais se encontra referências diretas ao seu próprio entendimento da dialética, geralmente em referência à de Hegel. É nessa obra que Marx afirma que seu método dialético não é tão somente diferente do hegeliano, mas também seu “oposto” ao considerar que “o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem”. (Marx, 2013, p. 78)

O que se poderia afirmar simplificadaamente como a demonstração materialista da leitura da dialética por Marx, pode ser melhor compreendido ao se considerar ainda a afirmativa do pensador, que consta na mesma obra (Marx, 2013), constatando que com Hegel a dialética é concebida do avesso (conforme tradução defendida por Fulda, 2017⁸) e que seria necessário “desvirá-la” para então ter acesso ao “cerne racional” da teoria hegeliana.

A leitura hegeliana da dialética a configura como uma parte que representa a negação, contraposição de uma unidade e que tem como resultado uma outra unidade conceitual, em um processo que se dá no campo das ideias. Marx, por sua vez, destaca que essa é uma visão mistificada e que a dialética é, em si, o processo como um todo que parte de unidades aparentes desvelando contradições que lhe são constituintes, imbricadas, por meio da representação ideal reflexiva dessas unidades, material. Nesse sentido, Marx vira a dialética hegeliana “do avesso” (Fulda, 2017).

Essa mudança na concepção da dialética, que Marx (2013) denomina como uma leitura ou “configuração racional” (p. 79) possibilitaria a compreensão da

⁸ De acordo com Grespan (2017, p. 107), “o verbo empregado por Marx é *umstülpen*, que quer dizer inverter, mas também virar do avesso; ao se descalçar uma luva, ela fica do avesso”.

negação concomitantemente com a afirmação do que é existente, o que possibilita a concepção do perecimento. Dessa forma, “apreende toda forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, incluindo o seu lado transitório” (Marx, 2013, p. 79).

Com tais pressupostos, a dialética marxiana possibilita a compreensão da realidade, ou seja, da unidade dialética de fenômeno e essência (Kosíc, 1969), permite aprender o empírico e ir além por meio de processo que conduz a análises críticas da realidade, permeadas pela possibilidade de transitoriedade, já que concebe que a concretude é conhecida enquanto unidade linear, formada por aparentes conceitos estanques (ou, nos termos de Kosíc, a pseudoconcreticidade), está permeada de contradição. O que em Hegel era concebido como ou momento do processo lógico, puramente ideal, de suspensão dos contraditórios que levaria à elevação de uma unidade identitária afirmativa, em Marx e sua dialética materialista, às avessas de Hegel, é tido como a integralidade de um processo de conhecimento por meio do desnudamento ou desvelamento da realidade.

As consequências de tal inversão manifestam a crítica da sociedade burguesa, já que é possível compreender que para Hegel as diferenças (sociais e econômicas) constituem aparência que subjaz uma base dialética ideal que é identitária, que iguala a todos, de acordo com o princípio da igualdade. Já na leitura de Marx, a igualdade constitui o princípio burguês aparente sob o qual se desvela a realidade contraditória (Grespan, 2017). Dessa forma, pode-se dizer que Marx captou o movimento dialético do capital de tal maneira que é possível que sua dialética seja aplicada ao entendimento de objetos inseridos no quadro desse sistema produtivo.

Apesar da colocação de Fulda (2017) em citação à Carta de 9/5/1868 de Marx na qual teria exposto que “*Quando se livrasse do fardo econômico, ele escreveria uma ‘dialética’*”, o que não veio a ocorrer, o que se pode então afirmar é que, em sua obra concretizada, Marx não estava, em geral, deliberadamente, preocupado com um projeto filosófico, em passar a receita dos óculos com os quais se deveria ler a realidade, mas sim em desnudar a realidade, desvelando seu método à medida em que o colocava em prática para atingir seu objetivo central. Para compreender a dialética na visão de Marx, esse mesmo autor (Fulda, 2017) sugere a importância de se debruçar especialmente sobre obras como O Capital,

Grundrisse e cartas que continham críticas à dialética hegeliana, nos anos 1840, investigando as declarações do pensador quanto à dialética.

A importância da dialética para Marx, que cunhou uma releitura às avessas com enfoque às contradições, à realidade e ao movimento são inerentes e expressos no uso da dialética como categoria heurística da crítica da economia política marxiana. Tal destaque à leitura marxiana da dialética é expresso também por Lenin (2011), que observa que apesar de Marx não ter escrito a respeito de sua lógica dialética, ele deixou a lógica de *O Capital*, obra na qual essa lógica é aplicada cientificamente, constituindo, a lógica, a dialética e a teoria do conhecimento, uma única coisa.

Pode-se compreender que o cerne da dialética que confere movimento à realidade é a contradição. Todo movimento, desde o físico, se dá com o/por meio do contraditório. Uma pessoa ou automóvel somente pode se mover graças à força do atrito que, por um lado, tende a se contrapor ao movimento (o corpo tende à inércia), por outro lado é o que possibilita a tração do corpo, empurrando-o à frente (Silveira, 2011). A força dos contrários é o que permite a mobilidade e os fenômenos manifestam a dialética como “expressão do próprio movimento da realidade” (Saviani, 2015, p. 27). De acordo com Kosic (1969) “a totalidade sem contradições é vazia e inerte” (p. 51).

A dialética, em Marx, pode ser lida no modo de exposição e compreensão do cerne das categorias da crítica da economia política, ou seja, é elemento fundante da teoria marxista, permeando-a em seu cerne, não apenas um momento conceitual. Saviani (2015) explicita que a lógica dialética consiste no processo de construção do concreto do pensamento, o que não se dá sem a mediação do abstrato: “A construção do pensamento ocorre, pois, da seguinte forma: parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato e chega-se ao concreto. Ou seja: a passagem do empírico ao concreto se dá pela mediação do abstrato”. E explica que tanto a partida como a chegada do processo de pensamento na lógica dialética são o concreto, entretanto o concreto que elicia o processo é o concreto real, já o posterior ao momento de abstração é o concreto pensado. Sendo que o concreto é diferente do empírico, considerando que este é designação daquilo que é objetivo e aquele é complexo e multideterminado. Dessa forma, a dialética enquanto método

contribui para a destruição da aparente independência das configurações e objetos da pseudoconcreticidade, cindindo a aparente unicidade entre fenômeno, aquilo que se manifesta diretamente, e essência, que não se manifesta diretamente (Kosíc, 1969). Essa forma de compreensão da realidade, que pode ser denominada de materialismo histórico-dialético, permeia, no âmbito dos estudos psicológicos, uma vertente denominada histórico-cultural, em que um dos estudiosos foi o soviético Lev Vigotski.

5 Movimento na psicologia

Vigotski foi definido como um marxista convicto após publicação e análise de suas notas pessoais (Kravtsov, 2014; Prestes & Tunes, 2022). Em uma passagem de anotação de Vigotski, ele afirmava que ansiava por aprender o método de Marx em sua integralidade e não apenas juntar um par de citações para respaldar um conceito de psiquê (Vigotski *in* Zavershneva & Van Der Veer [Orgs], 2018).

Disso resulta a observação de que esse pensador esteve comprometido com a psicologia e com o marxismo em seu cerne, no resgate histórico e reinventando essa ciência tanto metodológica como epistemicamente, de forma que a compreensão da teoria marxiana é indispensável para o entendimento de suas proposições vinculadas à psicologia, esta não está apenas “coordenada” com aquela (Vigotski, 1999b, p. 415).

Mas quais eram as características da psicologia sob a proposta de Vigotski? Em “O significado histórico da crise da psicologia”, Vigotski (1999b) nos norteia sobre seu entendimento, resgatando e problematizando o desenvolvimento da psicologia e sua proposta de releitura com bases nos fundamentos marxistas. Ao resgatar historicamente as diversas concepções de psicologia disseminadas na ocasião (1927), realizou levantamento quanto aos limites e contribuições tendo como embasamento o materialismo histórico-dialético, por meio do qual se propôs a superar as demais e consolidar sua concepção de psicologia. Tencionou diferenciar e unir o trabalho psicológico do passado “sobre uma nova base com tudo o que foi estudado cientificamente pela psicologia”, uma ciência que “ainda não existe, terá de ser criada e não por uma só escola”. Para ele, a psicologia se constitui na ciência do homem novo

na futura sociedade, sem a qual “a perspectiva do marxismo e da ciência da história seria incompleta” (Vigotski, 1999b, p. 417).

Kravstov (2014) apontou que o processo de desenvolvimento é considerado, à luz de Vigotski, como sendo um movimento internamente determinado, uma leitura historicista por meio de método genético-experimental, cujas bases seriam a situação social do desenvolvimento aliada à neoformação central. Nas anotações de autoria de Vigotski que foram publicadas compiladas sob o capítulo *Psychology as a Science* da coletânea “Vygotsky’s Notebooks: A Selection” (In Zavershneva & Van Der Veer, 2018) podem ser encontrados subsídios que respaldam tal afirmação.

Para Vigotski, o desenvolvimento é um processo de formação do ser humano caracterizado pelo surgimento de novas qualidades humanas específicas em cada etapa, o que só é possível graças a todo o arcabouço anteriormente desenvolvido, ou seja, o surgimento das novas qualidades é historicamente preparado pelas precedentes. O desenvolvimento caracteriza o movimento humano, que é externamente determinado por meio da interação do sujeito, determinações socioculturais e históricas, ademais é automovimento, ou seja, também é internamente determinado, pois a estrutura de pensamento já formada é parte ativa no desenvolvimento (Vigotski, 2018).

Nesse sentido, a leitura de Kravstov (2014) é categórica ao afirmar que, para Vigotski, “...desenvolvimento é sempre autodesenvolvimento...”, já que “autodesenvolvimento é um movimento internamente determinado” (p. 35). Essa concepção é associada à Espinosa e, na leitura dos excertos de *Psychology as a Science* (Vigotski in Zavershneva & Van Der Veer [Orgs], 2018), tal concepção pode ser observada, mas é importante notar que não se trata de um movimento determinado exclusivamente por esquemas internos, mas que fora pelo próprio grupo de pesquisadores soviéticos, por muito tempo, tomada como eminentemente ou exclusivamente externa.

O conceito de zona de desenvolvimento próximo, banalizado especialmente na área da educação, não conotava papel central em boa parte da obra de Vigotski e foi apropriado de forma fragmentária, difundido com a proposta produtivista de designar um conjunto de pensamentos que a criança ainda não desenvolveu, mas que ela tem

condições de desenvolver em um determinado momento e contexto, cabendo ao bom docente identificar e fornecer condições para isso. Chaiklin (2011) evidencia a necessidade de se colocar a zona de desenvolvimento próximo em seu devido lugar, para que tenha a devida importância, nem a mais, nem a menos, considerando para isso o conceito no cerne da teoria do desenvolvimento de Vigotski como sendo o olhar de destaque que esse autor propiciou para a importância do desenvolvimento em iminência, em potência, tanto quanto dos aparatos objetivo e subjetivo do ser para o seu desenvolvimento.

Aliado a isso, a vivência (*pereživânie* ou *perezhivanie*) ganha papel determinante ao representar a relação entre o meio e a personalidade, constituindo uma unidade analítica entre essas instâncias. A *vivência*, na abordagem vigotskiana é, por assim dizer, uma experiência significativa no âmbito do desenvolvimento, ou seja, que implica movimento do sujeito. Por meio da vivência o sujeito se modifica ao ponto de o sentido que atribui a um contexto se modificar (Vigotski, 2018). A vivência é a unidade de análise com caráter processual e dialético que possibilita superar a dicotomia indivíduo-sociedade e o determinismo com o qual se concebe, mesmo em leituras da psicologia sócio-histórico-cultural, a influência do social no sujeito (Fleer *et al*, 2017; Meshcheryakov, 2010; Veiga, 2024).

O desenvolvimento somente pode ser compreendido como automovimento no contexto em que considera, em sua complexidade processual, como a formação de características especificamente humanas que constituem um sujeito, o que só é possível mediante as vivências, conforme as potências (zona proximal de desenvolvimento), que se relaciona e está condicionado também ao substrato ou arcabouço previamente constituído na história de desenvolvimento do sujeito. Dessa forma, é um *automovimento não autocentrado*, ou seja, apesar de se caracterizar como um movimento próprio do sujeito, não pode, de forma alguma, ser caracterizado como um movimento centrado no sujeito ou dependendo exclusivamente dele.

É possível afirmar, portanto, que se caracteriza como sendo um automovimento externamente determinado e, à luz da dialética marxista, considerar que embora essa análise tenha como enfoque o sujeito, objeto de

estudo da psicologia, esse automovimento externamente determinado tem efeitos na realidade supra-individual, movimentando o meio em alguma instância.

O conceito de vivência foi abordado por Vigotski já no final de sua vida e carreira, em sua obra "Psicologia da Arte". A vivência sendo em si motor, servindo a movimentos, não é de se espantar que a arte, caracterizada como “ação humana intencional que recria a realidade material e transforma o próprio sujeito” e elaborada com vistas à manifestação, à objetivação de sentimentos e outras “capacidades mentais tipicamente humanas” (Barroco & Superti, 2014), ou seja, que a arte enquanto instrumento, produto e produtor potencial de vivências seja também relacionada ao movimento.

Ao considerar a gênese individual do movimento como uma dinâmica de transitoriedade que implica a criação aplicada de algo, ou como um *ato criador* aplicado, é possível aproximar a manifestação individual do movimento à da arte. É preciso resguardar e explicitar os limites dessa aproximação: a arte tem como finalidade a superação simbólica estética e representativa da realidade - não é diretamente concreta (Vigotski, 1999a). Já o movimento teria implicações no que se pode denominar como um processo de transitoriedade da realidade.

Em síntese, o desenvolvimento humano consiste num processo complexo que inclui nuances, das quais destacou-se a importância dos níveis ou esquemas previamente estabelecidos - que se pode designar como a consideração da historicidade individual do desenvolvimento, ontogenia. A zona proximal de desenvolvimento (ou de desenvolvimento proximal) possibilita contemplar o desenvolvimento iminente ou em potência. Além disso, é necessário considerar a definição de vivência, que permite superar leituras mecanicistas de “incorporação” do meio ao sujeito. A manifestação artística ou, como Vigotski nomeia, o ato artístico pode ser apontado como instrumento às vivências, além de produto já que o ato artístico é realizado por seres humanos formados e permeados em seus desenvolvimentos por vivências, é também produtor de vivências em quem os produz e em quem os acessa. É possível identificar, nos conceitos vigotskianos de desenvolvimento e vivência, contribuições norteadoras ao entendimento de movimento com vistas à psicologia histórico-cultural.

6 Considerações finais

Havia-se aventado a possibilidade de o uso acadêmico do termo movimento, em pesquisas na área de psicologia, se dar indiscriminadamente, sem coadunações teóricas, o que não se confirmou, já que em geral as pesquisas elencadas se vinculam de alguma forma à dialética, notadamente na leitura do materialismo histórico. Entretanto, pela compreensão dos resumos, confirmou-se a hipótese de o termo não ser definido nas pesquisas elencadas, apenas adotado como sinônimo de dinamicidade, mudança.

A ocorrência do emprego de movimento em pesquisas com orientações teóricas permeadas pela dialética pôde ser melhor compreendida ao se retomar historicamente essa categoria em suas acepções até a proposta materialista marxiana. Foi possível observar que o movimento em questão tem como referência o processo dialético no que concerne à contradição, já que a mobilidade se dá com a força dos contrários. Mostrou-se aceitável compreender movimento, pelo aporte materialista de Marx, desta feita, como a transitoriedade qualitativa imbuída de contradição dialética. Na psicologia histórico-cultural, permeada por essa concepção, movimento se expressa, por exemplo, no desenvolvimento humano.

Na psicologia desenvolvida por Vigotski é possível destacar, por meio das anotações de seus cadernos, a identificação da contradição como fonte ou força motriz do desenvolvimento, possibilitando o automovimento no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, conclusões às quais chega na leitura de Lênin e suas considerações sobre Hegel (Vigotski *In* Zavershneva & Van Der Veer [Orgs.], 2018).

O movimento orientado pela dialética materialista tem contingências concretas. O ser humano, conforme delineado pela psicologia marxista de Vigotski, tem potências de desenvolvimento que possibilitam ir além do que está dado. Mas esse ir além não exacerba o limite tênue de romper com os determinantes materiais, socioculturais, históricos. Como se fôssemos personagens de um livro que não nos constituímos apenas das linhas já escritas, mas também nas que estão por vir, entretanto as que estão por vir são orientadas pelas que estão escritas, podendo a personagem transitar, mudar direções,

sensações, noções, mas ainda assim em conformidade com as linhas já escritas. Tendo como base essas premissas reflexivas, caberia oportuna exploração sobre como pode o ser humano se movimentar com vistas à liberdade, no sentido vigotskiano e engelsiano de domínio dos determinantes (Vigotski, 2021) e, ainda, como podem os seres humanos transformar suas realidades.

Com o delineamento de uma definição possível de movimento relacionada ao processo materialista dialético de transitoriedade qualitativa permeado por contradição, o que pode ser notado no processo de desenvolvimento conforme compreendido por Vigotski, torna-se mais viável analisar se há sua ocorrência nos diferentes contextos, em contraponto com situações de estagnação ou mesmo de pretensas e aparentes mudanças socioculturais, tais como em contextos de manifestações artísticas, debates (acadêmicos, políticos), veiculações de notícias, atuações profissionais. Os apontamentos proporcionados pelos estudos aqui apresentados podem contribuir tanto para o uso do termo de forma mais precisa, como para a identificação de processos que constituam, de fato, potenciais revoluções, a exemplo do desenvolvimento em nível de ontogênese.

Identificando elementos de transformación de la realidad: movimiento dialéctico y desarrollo

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar el concepto de movimiento y algunos de sus impactos en la psicología histórico-cultural a través de un recorrido por la investigación académica brasileña que adopta el término de manera central. Las investigaciones enumeradas están vinculadas de alguna manera a la dialéctica y no presentan una definición del término. En un relevamiento bibliográfico se pudo comprender que el núcleo de la dialéctica que da movimiento a la realidad es la contradicción. En la psicología histórico-cultural de Vygotsky, el desarrollo es un proceso de formación del ser humano caracterizado por el surgimiento de nuevas cualidades humanas específicas en cada etapa, lo que caracteriza el movimiento humano, el cual está determinado externamente y es también automovimiento. Al configurar una posible definición de movimiento relacionada con el proceso materialista dialéctico de fugacidad cualitativa permeada por la contradicción, que puede notarse en el proceso de desarrollo tal como lo entiende Vygotsky, se vuelve más viable analizar si ocurre en diferentes contextos e identificar procesos que constituyen, de hecho, revoluciones potenciales, como el desarrollo en el nivel de la ontogénesis y en contraposición a situaciones de estancamiento o incluso cambios supuestos y aparentes.

Palabras clave: Movimiento. Dialéctica. Desarrollo.

7 Referências

- BARROCO, S. M. S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicol. Soc.*, v. 26, n. 1, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vr5bbMpFznNZRsVTMJFxFqN/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- BOCK, A. M. B. et al. Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso Social da Psicologia". *Psicol. Soc.*, v. 19, n. spe2, 2007.
- BUENO, S. F. Em Torno da Diferença: Uma Confrontação entre Adorno e Deleuze. *Educ. rev.*, n. 33, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/jCcfCG6HTKVXmDXTqmnRTDq/>. Acesso em: mar. 2023.
- CHAIKLIN, S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. *Psicol. Estud.*, v. 16, n. 4, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/jCGfKbkrHPCr8KyZD4xjB3C/?lang=pt#>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- CORDEIRO, M. P.; SPINK, M. J. P. Apontamentos sobre a História da Psicologia Social no Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 18, n. 4, p. 1068-1086, 2018.
- FLEER, M. et al. Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Setting the Stage. In: *Perezhivanie, Emotions and Subjectivity, Perspectives in Cultural-Historical*. Singapore: Springer Nature, 2017.
- FULDA, H. F. Tese para a dialética como método de exposição (no “Capital” de Marx). *Crítica Marxista*, n. 45, p. 109-116, 2017.
- GRESPLAN, J. Apresentação de “Tese para a dialética como método de exposição (no ‘Capital’ de Marx)”. *Crítica Marxista*, n. 45, p. 107-108, 2017.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*. Vol. I. A Ciência da Lógica (1812-1816). São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito* (1807). Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- KANT, I. *Crítica da razão pura* (1781). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/09/kant-critica-da-razao-pura.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- KOSÍČ, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

- KRAVSTOV, G. As bases filosóficas da psicologia histórico-cultural. In: *Veresk. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski*. Brasília: UniCEUB, 2014.
- LANE, S. *O que é Psicologia Social?* (1981). São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LANE, S. Uma Psicologia Social baseada no Materialismo Histórico e Dialético. ANPEPP, 1988. Disponível em: <https://www.anpepp.org.br/acervo/Simpos/An02T18.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- LANE, S.; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia Social - O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LENIN, V. I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel* (1936). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- MARX, K. *O Capital: crítica da Economia Política*. Livro 1. (1867). São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. Posfácio da segunda edição de O Capital (1872). In: *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011. MARX, K.
- MESHCHERYAKOV, B. G. Ideias de L. S. Vigotski sobre a ciência do desenvolvimento infantil. *Psicologia USP*, v. 21, n. 4, p. 703-726, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/MbVQbXmQwWb7ZQNMzTtD3Zf/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- PRESTES, Z.; TUNES, E. Lev Semionovitch Vigotski: a Atualidade de seu Pensamento Impõe a Recuperação de sua Obra. *Revista de Educação Pública*, v. 31, p. 1-14, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1269>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- RUSS, J. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- SAVIANI, D. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 7, n. 1, p. 26-43, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12463/9500>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- SCHOPENHAUER, A. *Fragmentos para a história da filosofia* (1851). São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

SMOLKA, A. L. B. A teoria histórico-cultural do psiquismo humano em perspectiva: condições e implicações de uma psicologia concreta. *Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade*, v. 3, n. 2, 2021.

VEIGA, A. L. W. O conceito de perejivanie na Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vigotski. *Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, [S. l.], v. 8, n. Contínua, p. 1–22, 2024. DOI: 10.14393/OBv8.e2024-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/74195>. Acesso em: 11 set. 2024.

VIGOTSKI, L. S. Arte e vida. In: *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica. In: *Teoria e Método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VIGOTSKI, L. S. *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Rio de Janeiro: EPapers, 2018.

VIGOTSKI, L. S. O Autocontrole. In: *História do desenvolvimento das funções mentais superiores*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

YAMAMOTO, O. H. Políticas sociais, ‘terceiro setor’ e ‘compromisso social’: perspectivas e limites do trabalho do Psicólogo. *Psicol. Soc.*, v. 19, n. 1, p. 30-37, jan./abr. 2007.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/46LtrL9mrmqbpGFFgHKBHLv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

ZEN, E. T.; SGARBI, A. D. O método dialético na história do pensamento filosófico ocidental. *Kínesis*, v. X, n. 22, p. 79-96, jul. 2018. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/7.elieserantonio.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2022.

ZAVERSHNEVA, E.; VAN DER VEER, R. (Orgs.). *Vygotsky's notebooks: A selection*. Singapore: Springer Nature, 2018.

Recebido em novembro de 2024.

Aprovado em março de 2025.